



Algumas  
considerações  
sobre a  
Metamorfose  
de Kafka com  
base no texto  
“Anotações  
sobre Kafka” de  
Adorno

Daniela Spinelli



RESUMO



O presente artigo procura esclarecer o modo pelo qual Theodor W. Adorno indicou a análise de **Metamorfose**, de Franz Kafka.



**ABSTRACT**

The main purpose in this article is to in light the way that Theodor W. Adorno indicates the analysis of the novel *Metamorphose* by Franz Kafka.



**PALAVRAS-CHAVE**

Theodor W. Adorno, Franz Kafka



**KEY WORDS**

Theodor W. Adorno, Franz Kafka

A leitura da obra de Franz Kafka pelo leitor moderno contraria o ruído enigmático das gargalhadas, ouvidas em espanto por Marx Brod, autor de *metamorphose* quando a apresentou, em leitura, para os seus amigos. Certamente, o sentimento de contenção angustiante que perpassa a obra de Kafka encontra-se a mil léguas distante da diversão que lhe causou a metamorphose do jovem Gregor Samsa. No lugar dela, a paralisia do leitor diante de uma atmosfera narrativa que beira o fantástico incide numa advertência: “inscrição da porta do inferno”.

## Canto III

Por mim se vai das dores à morada, “Por mim se vai ao padecer eterno, por mim se vai à gente condenada. Moveu a justiça o Autor meu sempiterno, formado fui por divinal possança, sabedoria suam supremo. No existir, sem nenhum a mim se avança, não sendo eterno, e eu eternal perduro: Deixai, ó vós que entraís, toda a esperança!” (Alighieri, 1958, pág 19)

Um breve sobrevôo no conteúdo dos romances escritos por Kafka exige atenção e pertinência da leitura; isto é, cuidado para que o engano não opere interpretações apressadas a respeito da alienação que corroi o destino do arrimo da família Samsa. O condutor para desfazer os equívocos, convivas queridos de uma boa parte da fortuna crítica, será, para nós, Adorno.

O problema de sua leitura, contudo, se apresenta à primeira vista, ora porque opera uma interpretação nem sempre clara, ora por que serve como pé de cabra na experiência reificada pela práxis mercantil.

## Duas notas a respeito da vida de Franz Kafka

Franz Kafka é considerado, um dos principais escritores da Literatura moderna. Nasceu em Praga, dia três de julho de 1883, filho mais velho de um casal da classe média judaica, Julie Löwy e Hermann Kafka. Nesta época, a região pertencia ao Império Austro Húngaro, que, hoje, seria a República Tcheca. Seu pai, Hermann Kafka, era comerciante e marcou profundamente a vida de seu filho por sua severidade. Trechos de uma turbulenta e delicada relação com seu pai servem para a interpretação de suas obras.

A vida profissional, por sua vez, não lhe é menos preciosa em circunstância das atribulações provocadas tanto pela funções que exerceu como por saúde frágil. Estudou Direito na Universidade de Praga, formando-se em 1906. Trabalhou, a maior parte de sua vida, como advogado do Insti-

tuto de Seguros contra acidentes de trabalho; em paralelo, dedica-se à literatura. Em 1917, é obrigado a afastar-se do trabalho devido à tuberculose.

Em reflexo, o espaço dedicado à vida afetiva compõe o enredo de frustrações com as quais foi obrigado a conviver da infância até a fatalidade que lhe tirou a vida. Sua vida afetiva foi marcada por frustrações e irresoluções. Ficou noivo duas vezes de Felice Bauer, mas com ela não se casou. Solitário, cita, em seu diário, que a escrita consumiu dele toda a energia para conseguir fazer qualquer outra coisa além de escrever; e essa experiência lhe custou muito caro. Em uma de suas anotações, Kafka escreve “Eu tenho a experiência e não estou brincando quando digo que essa experiência é uma espécie de enjôo em terra firme”, ainda escreve no Diário, dia 30 de outubro de 1921, no qual, ainda, destaca o seu sentimento de angústia absoluta. Por esse mesmo motivo, antes de morrer pediu para seu amigo Max Brod para queimar suas obras, o qual, descumprindo a solicitação, as publicou.

Kafka é considerado um dos maiores escritores de todos os tempos. A sua literatura já foi classificada de “literatura do absurdo”, “fábula realista” e “cruzada siomita”. O que revela a confusão por ela provocada. A dificuldade de lê-la não é exclusiva de um único leitor. Por isso, as discordâncias sobre elas é moeda de troca corrente na tradição literária. Todavia, Theodor W. Adorno parece, malgrado a sua escrita obscura, lançar luz sobre essa obra magnífica.

A dificuldade é compreender uma narrativa que se estrutura a partir de uma aproximação inusitada entre o fantástico e o sentimento de que ele não é estranho à experiência moderna. Os fatos mais absurdos são descritos como se fossem acontecimentos normais, o que provoca tanto estranhamento como reconhecimento pelo leitor de sua obra. A singularidade da obra estabelece o estranho como fenômeno do mundo moderno. Os acontecimentos mais inusitados, velados pelo hábito cotidiano estrutural, são encarados sem espanto, de modo natural. Por isso, o estranhamento na obra de Kafka denuncia a

irracionalidade moderna. Não é por acaso que Gregor Samsa, ao acordar como um inseto, não consegue compreender as causas de sua metamorfose. É a naturalidade das ações que provoca choque frente aos acontecimentos.

“Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquillos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso”, é assim que *Kafka* começa a sua obra, *Metamorfose*. A narrativa acompanha Gregor Samsa, um jovem caixeiro-viajante, que sustenta a sua família e trabalha para quitar a dívida do pai com o chefe. Gregor não gosta do trabalho que exerce; porém, sabe que precisa trabalhar ainda seis anos para livrar-se da dívida que atormenta os seus. Sua família é composta pelo pai aposentado e severo, uma mãe solícita, e Grette, a irmã mais nova, figura com quem estabelece uma afetuosa e próxima relação.

Empregado exemplar, a sua maior preocupação no dia da sua metamorfose, é de estar atrasado para o serviço, uma vez que precisa correr para a estação e pegar o primeiro trem. Não consegue correr, pois não controla os movimentos de suas inúmeras patinhas. Por isso demora a sair da cama. Frente ao atraso, o seu chefe vai à sua casa em busca de explicações. Afim de compreender o impasse que abre *Metamorfose*, acompanhemos o discurso do patrão de Gregor. Em cifras, o desaforo abre a chave da interpretação de Adorno sobre a obra de Kafka.

– Senhor Samsa – chamava agora o gerente, erguendo a voz -, o que é que está acontecendo? O senhor se esconde na barricada de seu quarto, responde apenas com sins e não, acomete seus pais com preocupações desnecessárias e pesadas e deixa de lado – e menciono isso apenas de passagem – suas obrigações na firma de maneira que só posso creditar como inaudita. Eu falo aqui em nome de seus pais e de seu chefe e peço-lhe, com toda a seriedade uma explicação clara e imediata. Estou perplexo, sim, estou perplexo. Acreditava que o senhor fosse um homem tranqüilo e razoável, e eis que de repente parece querer começar a mostrar caprichos dos mais estranhos. O chefe até insinuou uma possível explicação para a sua omissão,

hoje pela manhã – e ela tinha a ver com os pagamentos à vista que lhe foram confiscados há poucos dias -, mas eu, de verdade, quase empenhei minha palavra de honra no sentido de que essa explicação não poderia ser correta. Mas eis que agora vejo sua incompreensível teimosia e perco toda e qualquer espécie de vontade de me bater, o mais mínimo que seja, pelo senhor. E seu emprego não é, de maneira nenhuma, o mais garantido. No princípio, tinha a intenção de lhe dizer tudo isso a sós, mas uma vez que o senhor parece nem se importar com o fato de que eu esteja aqui perdendo o meu tempo, não sei mais porque seus pais também não deveriam ficar sabendo de tudo. Seu desempenho nos últimos tempos tem sido bastante insatisfatório; embora não estejamos na temporada de fazer grandes negócios, e isso nós reconhecemos, uma temporada em que não se fecha nenhum negócio não existe, senhor Samsa, não pode existir. (Kafka, 2002, pág 27)

Repare, que o discurso a respeito do desempenho de Gregor, é bem diferente do proposto no começo da narrativa. Possivelmente, a metamorfose de Gregor tem raízes mais profundas do que aquelas presentes na sua imagem de inseto. Em tese, a alienação do tom reside na perda da função, no mundo do trabalho, do primogênito da família Samsa. Em quanto arrimo de família, trabalhador dedicado com os compromissos da vida prática, Gregor reveste-se de uma aura nobre e inquestionável. Agora, prostrado no seu quarto, Gregor perde o respeito dos seus e a sua função vital: trabalhar para o sustento de sua família.

Porque, a irmã e a mãe acreditam que Gregor voltará à forma humana, a menina se dispõe a aproximar-se do quarto para levar alimentação ao seu irmão-inseto. Como a esperança de que o mundo volte a sua ordem natural, conduz a bondade de Grette. Porém, como a transformação não acontece, o sentimento de piedade transforma-se em repúdio e desejo de que aquele ser repugnante desapareça. No momento em que o pai entra no quarto à procura de Grette e sua mãe, ele assusta-se com a figura de Gregor, que tenta se esconder. Diante do assombro provocado pela visão monstruosa, ele fere o, com golpe de morte, ao lançar contra seu esqueleto uma maçã.

Graves dificuldades financeiras levaram todos os componentes da família a trabalhar para o sustento; a fim de ajudar o orçamento alugam um quarto da casa. A presença de estranhos, no ambiente familiar, leva seus parentes a atirar tudo que é dispensável no quarto de Gregor, que se transforma em um verdadeiro depósito de lixo. Uma noite, os três hóspedes ouvem a sua irmã tocar violino na cozinha e a convidam para que toque na sala, junto a eles. Após alguns instantes, desvalorizam a apresentação da Grette. Gregor, atraído pela música, e revoltado pelo comportamento daqueles senhores, vai até a sala colocando-se à vista dos mesmos, que se assustam ao vê-lo e acabam ameaçando a família pelo ultraje da presença de tão asqueroso animal. Nesta noite, a sua irmã ainda confessa em voz alta: "Preferia que estivesse morto".

Na manhã seguinte, a criada, ao entrar no quarto de Gregor percebe que ele está morto.

Percebe-se que as relações afetivas estão mediadas pela necessidade da vida mercantil; talvez isso explique o desengano desesperado de Grette quando vê o caráter inevitável da transformação. Num universo em que o outro somente tem valor quando assume como engrenagem da práxis mercantil, a paralisia de Gregor é intolerável e deve ser extinta. Enquanto Gregor Samsa sustenta a família e os sonhos desta, ele é essencial. A partir do momento em que sofre a metamorfose, não podendo mais suprir as necessidades materiais de sua família, torna-se um peso para todos. Grette, que possuía uma relação tão amorosa com o irmão, provedor de seu sonho, é a primeira a conseguir pronunciar, em voz alta, seu desejo de morte ao irmão.

Theodor W. Adorno começa o ensaio "Anotações sobre Kafka" com um alerta sobre os perigos da extensa fortuna crítica do autor. Adverte que pouca coisa do que foi escrito sobre Franz Kafka é realmente válido, uma vez que tais leituras incidem numa dimensão existencialista, alheia às relações materiais que ela evidentemente, representa. Geralmente, as suas obras são enquadradas em uma corrente de pensamento estabelecida, em lugar de dar espaço para a reflexão, para o exercício de decodificação de suas cifras.

É compreensível, que o leitor evite essa reflexão, pois, na obra de Kafka, não existe espaço para fugir do mal estar invocado por ele. O mal, nesse caso, assume a face da ignorância frente aos acontecimentos de uma vida reificada pela mercantilização. A práxis, no mundo moderno, faz com que o homem reduza seu potencial, equalizando-o com a sua natureza animalesca de coisa. Seu prazer fica limitado às funções animais. A bestialidade contemplada para a representação de Gregor Samsa ganha sentido. A reprodução do herói de natureza “animalesca”, na obra de Kafka, desmascara o homem moderno enquanto ser desumanizado e desprovido de consciência nas palavras de Adorno:

A imagem da sociedade vindoura não é esboçada imediatamente – pois Kafka, assim como toda grande arte, se comporta asceticamente diante do futuro -, mas montada a partir do entulho do novo, em processo de formação, elimina do presente que se torna passado. Em vez de curar a neurose, ele procura nela mesma a força que cura, a força do conhecimento: os estigmas com que a sociedade marca o indivíduo são interpretados como indícios da inverdade social, são lidos como o negativo da verdade. A força de Kafka é a demolição. Diante do sofrimento incomensurável, ele derruba a fachada acolhedora, cada vez mais submetida ao controle racional. Nesse processo de demolição – e nunca este conceito foi tão popular como no ano da morte de Kafka -, ele não detém, como a psicologia, diante do sujeito, mas alcança a matéria em estado bruto, mero ente que emerge na esfera subjetiva através do colapso total de uma consciência alienada, que renuncia a qualquer auto-afirmação. A fuga atravessa o homem até chegar ao desumano – esta é a trajetória épica de Kafka. (Adorno, 1998, pág. 247)

Nota-se, então, que Kafka descreve o mundo da demolição, onde a ausência de vida consome “almas” carentes de tensão. Os desejos, as necessidades do homem moderno, se diluem em nada. A práxis produz exatamente os desejos que o sistema social pode satisfazer. Isso, em Kafka, desdobra-se até a náusea. A naturalidade, com a qual descreve um mundo pavoroso, é nomeada como técnica



de "inversão" da fábula, segundo Günter Anders, para exercer uma função didática:

Kafka revela através da sua técnica do estranhamento, o estranhamento encoberto da vida cotidiana – e dessa maneira outra vez realista. Sua deslocação fixa. No mundo alienado, a natureza se torna nature morte e o próprio semelhante muitas vezes se transforma em mera 'coisa'. (Anders, Kafka, 1993, pág.16)

Porém, o "desumano" do homem moderno não se relaciona apenas com a sua natureza animal, porque está rebaixado a funções de "coisa". Kafka, através de suas fábulas realistas, denuncia este fato ao criar fábulas em que as coisas se parecem conosco. No seu diário pessoal, o escritor evidencia as suas escolhas de representar o tempo em que viveu em chave negativa: "Escolhi vigorosamente o que há de negativo no meu tempo – ao qual, alias, estou muito ligado e que tenho direito, não de combater, mas até certo ponto representar." (*Franz Kafka* -Diário IV)

Theodor Adorno constata, com máxima precisão, que, ao lermos a obra do Kafka, sentimos um *Déjà vu* permanente, o qual parece esclarecer o sentimento de que estamos diante de uma fábula. Ao mesmo tempo, a violência das palavras kafkianas exige um "esforço desesperado" do leitor. Afinal, contemplar o texto, através de uma experiência muito próxima de sua, é perturbador. Constituída pela ausência de saída, a obra kafkiana é composta de passagens, "construídas de maneira tão tenebrosa que o leitor tem medo de nunca mais acordar do pesadelo" (Adorno, 1998, pág 243). Todavia, não seria isso ironia. E pior: causa primeira das gargalhadas de Kafka, uma vez que Gregor constitui o nosso fiel reflexo.

Embora critique grande parte das leituras existencialistas da obra kafkiana, Adorno acredita que Kafka aproxima da psicanálise para desmascarar a aparência da cultura e do indivíduo burguês. De acordo com Freud, é para os "refugos do mundo das aparências", que a psicanálise dirige a sua atenção.

Nessas excentricidades, Kafka segue Freud até o absurdo, com uma fidelidade digna de Eulenspiegel. Ele arranca a

psicanálise do âmbito da psicologia. Na medida em que deduz o indivíduo a partir de impulsos amorfos e difusos, o Ego a partir do Id, a psicanálise já se opõe, em certo sentido, ao especificamente psicológico. A personalidade se transforma de entidade substancial em mero princípio organizatório de impulsos somáticos. Tanto em Freud como em Kafka, a vigência da alma é cancelada; Kafka na verdade ignorou desde o início. Ele se distingue de Freud, mais velho e com espírito científico, não por uma espiritualidade mais delicada, mas sim por um ceticismo ainda mais radical em relação ao Ego. (Adorno, 1998, pág. 246).

O caráter subjetivo, presente na obra kafkaniana, representa a falência da consciência alienada. Este é o principal sintoma da fragmentação do mundo em oposição à perda da totalidade. A subjetividade é, portanto; transformada em coisa: a medida que se reifica. O sujeito privado de liberdade fecha-se em si mesmo. Sua existência, portanto é a não existência. Esse convívio problemático de termos, aparentemente, contraditório parece encerrar-se na metamorfose de Gregor Samsa. Ao tempo que opera como homem e inseto, o irmão de Grette nos oferece a chave para resolver o enigma moderno. O resultado desse movimento de oscilação entre movência obrigatória e paralisia movente será sentido, com toda força, na espera de Joseph K. pela audiência, nunca alcançada, com o Conde West West no *Castelo*.

A subjetividade absoluta é, ao mesmo tempo, desprovida de sujeito. O si-mesmo vive unicamente na alienação, como resíduo seguro do sujeito que se fecha diante do estranho, tornando-se um cego resíduo do mundo. Quanto mais o Eu do expressionismo volta-se sobre si mesmo, tanto mais também se assemelha ao mundo de coisas que ele exclui. (Adorno, 1998, pág 259).

Ao acordar, Gregor Samsa percebe a sua metamorfose. Diante da aberração que se transforma, o único pensamento: como sair da cama. A angústia do personagem resume-se no aprendizado em dominar as suas patinhas e adquirir o movimento desejado com o corpo. Isso porque ele procura pegar o próximo trem na estação, pois está muito atrasado para o trabalho. Sua função social é como

caixeiro viajante, pequeno burguês, que trabalha duro, como funcionário exemplar que sustenta toda família.

“Oh Deus”, pensou ele, “que profissão extenuante que fui escolher! Entra dia sai dia, e eu sempre em viagem. As agitações do negócio são maiores do que propriamente o trabalho em casa, e ainda por cima impuseram sobre mim essa praga de ter de viajar, os cuidados com as conexões de trem, a comida ruim e desregulada, contatos humanos sempre cambiantes, e nunca serão duradouros e jamais afetuosos. (Kafka, 2002, pág 13).

Percebe-se neste pequeno trecho da obra **Metamorfose**, a instrumentalização do pensamento de Gregor, diante de sua função social. As relações dos parentes, com o personagem inseto ocorrem de forma superficial e sem afeto. Seus pais quase não entram no seu quarto, e ele se torna desprezado e solitário.

*Franz Kafka* descreve a trajetória do inferno, do mundo mercantilizado. cuja prática aliena e animaliza o homem, em que toda e qualquer possibilidade de salvação já foi perdida. Vivemos em um mundo onde “Não é o monstruoso que choca, mas a sua naturalidade”. Talvez seja o rompimento de que tanto *Adorno* como *Benjamin* identificaram na obra de Kafka. Rompimento sinistro, envolvido pela mão implacável de um escritor que não faz concessão. Por isso, é inevitável a sugestão de fantástica imanência à sua literatura.



## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Ludwig Weisengrund. **Prismas: Crítica Cultural e Sociedade**. Tradução de A. Wernet e J. Almeida. São Paulo: Atica, 2001

ANDERS, Guther. **Kafka: Pró e Contra**. Tradução Modesto Carone. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, Arte e Política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BROD, Max. **Franz Kafka**. Paris, Folio, 1998.

KAFKA, Franz. **Metamorfose**. Tradução de Marcelo Backes. São Paulo: Coleção L&PM Pocket, 2001.

---

A autora é Mestranda em Literatura e Crítica Literária Pontifícia Universidade Católica de São Paulo